

A CIÊNCIA E O PESQUISADOR: CONTRIBUIÇÕES DA ONTOPSICOLOGIA PARA UMA EPISTEMOLOGIA HUMANISTA

Patrícia Azevedo Gonçalves¹, Bruno Fleck da Silva²

Resumo: Este artigo configura-se como uma revisão bibliográfica exploratória que busca percorrer obras fundamentais de Antonio Meneghetti (1936-2013), em diálogo com autores do campo das ciências humanas que tematizaram, sob diferentes (mas complementares) pontos de vista, a epistemologia e o fazer científico. Objetivava-se, com este estudo, sintetizar as contribuições da Ontopsicologia enquanto ciência epistêmica capaz de crítica e refundação radical da ciência contemporânea. Partindo da problematização acerca da natureza do processo cognoscitivo humano, aborda-se a ontologia antropológica como pressuposto da Ciência Ontopsicológica, cujo critério é o próprio homem, visto como força criadora, mas também como elemento desviante, caso não faça uma revisão crítica que o leve à exatidão de consciência. Depois, avança-se para a reflexão sobre o papel da ciência enquanto busca pela verdade e como instrumento para acesso ao mundo das causas e, portanto, colher o real na unidade do sujeito e do objeto. Discorre-se, adiante, sobre a criatividade no campo científico, para, por fim, chegar-se à perspectiva da Ontopsicologia como conhecimento fundante de novas epistemes que coloquem o homem no centro da práxis científica, considerando-o na totalidade de seu potencial de inteligência e capacidade de ação realizadora.

Palavras-chave: ciência; conhecimento; epistemologia; pesquisador; Ontopsicologia.

Science and the researcher: contributions of ontopsyhology to a humanist epistemology

Abstract: This article constitutes an exploratory bibliographic review that seeks to examine the fundamental works of Antonio Meneghetti (1936-2013), in dialogue with authors from the field of the human sciences who have addressed, from different yet complementary perspectives, epistemology and scientific practice. The objective of this study is to synthesize the contributions of Ontopsychology as an epistemic science capable of providing a critical analysis and a radical refoundation of contemporary science. Starting from the problematization of the nature of the human cognitive process, the study discusses anthropological ontology as the foundational assumption of Ontopsychological Science, whose criterion is the human being himself, understood both as a creative force and as a potentially deviating element when he fails to undertake the critical self-examination required to attain exact consciousness. The discussion then advances to a reflection on the role of science as a search for truth and as an instrument for accessing the realm of causes, thereby apprehending reality through the unity of subject and object. Subsequently, the article addresses creativity within the scientific field and ultimately arrives at the perspective of Ontopsychology as a foundational body of knowledge for new epistemes that place the human being at the center of scientific praxis, considering the totality of human intellectual potential and capacity for transformative action.

Keywords: science; knowledge; epistemology; researcher; Ontopsychology.

¹ Doutora em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Especializada em Ontopsicologia pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: patricia.goncalves87@edu.pucrs.br

² Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) com Pós-Doutorado em Filosofia (Fenomenologia) pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: bruno.fleck@hotmail.com

La ciencia y el investigador: contribuciones de la ontopsicología a una epistemología humanista

Resumen: Este artículo se configura como una revisión bibliográfica exploratoria que busca recorrer las obras fundamentales de Antonio Meneghetti (1936-2013), en diálogo con autores del campo de las ciencias humanas que han tematizado, desde diferentes perspectivas — aunque complementarias —, la epistemología y el quehacer científico. El objetivo de este estudio es sintetizar las contribuciones de la Ontopsicología como ciencia epistémica capaz de realizar una crítica y una refundación radical de la ciencia contemporánea. Partiendo de la problematización acerca de la naturaleza del proceso cognoscitivo humano, se aborda la ontología antropológica como presupuesto de la Ciencia Ontopsicológica, cuyo criterio es el propio ser humano, concebido tanto como fuerza creadora como elemento susceptible de desviación cuando no realiza una revisión crítica que lo conduzca a la exactitud de conciencia. Posteriormente, se avanza hacia una reflexión sobre el papel de la ciencia como búsqueda de la verdad y como instrumento de acceso al mundo de las causas, permitiendo aprehender lo real en la unidad entre sujeto y objeto. Asimismo, se analiza la creatividad en el ámbito científico para, finalmente, llegar a la perspectiva de la Ontopsicología como conocimiento fundante de nuevas epistemes que sitúan al ser humano en el centro de la praxis científica, considerándolo en la totalidad de su potencial de inteligencia y de su capacidad de acción realizadora.

Palabras clave: ciencia; conocimiento; epistemología; investigador; Ontopsicología.

1 Introdução

A Ontopsicologia é uma ciência humanista epistemológica que toma o homem não apenas como operador, mas como critério e como fim do fazer científico. Como “saber elementar ao modo como o homem pode conhecer o real identitário para, então, atuar a própria identidade em construção histórica, autóctise³” (Silva, 2021, p. 51), essa ciência recoloca o homem como centro da práxis científica e propõe que o processo cognoscitivo deve compreender um caráter não apenas descritivo ou preditivo de realidades e fenômenos, mas também resolutivo do humano em ação histórica, trazendo sanidade e realização a quem faz ciência e àqueles que se beneficiam ou são tocados pelos seus efeitos. Para se alcançar este intento, que, em um primeiro momento, pode parecer idealista, parte de uma visão profundamente responsa-

bilizante, que implica uma revisão crítica do próprio cientista, exigindo deste uma “segunda metanoia⁴” (Silva, 2024), posto que a exatidão de consciência é condição *sine qua non* de acesso à verdade, de um proceder científico que possa “refletir a ordem inerente ao mundo-da-vida” (Silva, 2023, p. 20).

Do ponto de vista metodológico, este estudo caracteriza-se como uma revisão teórica, de natureza exploratória e interpretativa, orientada para a leitura de obras fundamentais de Antonio Meneghetti (2005, 2013a, 2013b, 2014, 2015a, 2015b, 2021, 2022, 2023, 2024a, 2024b), em diálogo com autores das ciências humanas, como Edmund Husserl (2012) e Edgar Morin (2025) – os quais acusaram a crise e a necessidade de revisão epistemológica da ciência em seus paradigmas vigentes –, e com pesquisadores da Ciência Ontopsicológica, que, como Alécio Vidor (2014), enxergam na operação proposta pela Ontopsicologia uma reintegração

³ “Do grego αὐτός κτίζω = posição ou constituição de si (κτίζω = construir, fundar). Autoconstituição. Processo histórico de escolhas existenciais que fazem a resultante da evolução e da situação pessoal. O termo é utilizado de dois modos: (1) o fato em si (autopôr-se); (2) o processo de fazer-se (autoconstrução) ou seja, a autóctise histórica como processo psicológico” (Meneghetti, 2021, p. 38).

⁴ Tendo origem também no grego, Μετάνοια, o processo metanoico é definido por Meneghetti (2021, p. 180) como “Variação radical do comportamento para identificá-lo à intencionalidade do Em Si. Reorganização em evolução progressiva de todos os modelos mentais e comportamentais”.

do sujeito à sua condição ontológica de possibilidade do conhecimento.

Diante desses pressupostos acerca da ciência e do pesquisador, estabeleceu-se como questão norteadora: quais são as contribuições da Ontopsicologia, ao recolocar o homem como critério ontológico e epistêmico, para uma reimpugnação crítica da ciência contemporânea em direção a uma epistemologia humanista?

Como proposta de resposta, o artigo estrutura-se da seguinte forma: inicialmente, discute o problema do conhecimento, buscando recuperar compreensões sobre os limites da tradição científica e a necessidade de sua revisão. Em seguida, aborda a ontologia antropológica como pressuposto da Ciência Ontopsicológica, destacando o papel do sujeito como fundamento do conhecer. Na sequência, analisa o humano como criteriante, o que pressupõe a exigência da exatidão de consciência para o fazer científico. Após, examina a ciência como busca pela verdade e o retorno às causas primeiras, articulando, brevemente, a Fenomenologia de Edmund Husserl (2012) e a Ciência Ontopsicológica. Avança, então, para a reflexão sobre a criatividade no campo científico, compreendida como expressão da condição existencial do pesquisador. Por fim, defende a epistemicidade da Ontopsicologia enquanto proposta de refundação crítica da ciência orientada à centralidade do humano e à produção de conhecimento funcional à vida.

2 O problema do conhecimento como ponto de partida

a epistemologia não poderia se colocar como um tribunal supremo do conhecimento científico; ela teria que ser relativizada, complexifi-

cada, aberta à incerteza, ao sujeito e à história, e ser capaz de se repensar e de se *autorrevolucionar* (Morin, 2025, p. 13, grifo nosso).

Das inúmeras características que singularizam a Ontopsicologia e a colocam como uma ciência capaz de promover profunda transformação e trazer inúmeros ganhos à humanidade, está a visão integradora que ela propõe sobre realidades e fenômenos, logo, sobre a ciência e o humano. Ao antever um equilíbrio, em que os pares sujeito-objeto, objetividade-subjetividade analíticas, benefício pessoal-contribuição social da pesquisa não sejam dicotômicos, mas complementares, esta ciência nos coloca em um horizonte no qual todas as coisas são vistas em sua integralidade: pelo holístico-dinâmico que é o próprio homem (o sujeito pesquisador), vislumbro a totalidade (*holos*) e a processualidade (*dinamis*) constitutivas de tudo o que pode ser matéria da práxis científica.

Fazer ciência, para o fundador da Ontopsicologia, Antonio Meneghetti (2010, p. 27), significa “escolher um espaço operativo e compreender suas causas para variá-las de acordo com a funcionalidade”, o que implica reconhecer que o conhecimento é sempre situado em um aqui e agora existencial, é operativo/funcional e é orientado por uma intencionalidade. Ou seja, pressupõe uma escolha subjetiva, indicando que o sujeito pesquisador não é um mero observador externo, mas uma instância constitutiva do próprio conhecer. Tal perspectiva encontra fundamento também na compreensão de que:

[...] o sujeito existencial pensante e consciente (que conhece, teoriza, elabora epistemologias...) e o objeto, considerado como coisa, conjunto de coisas, universo... em suma, como realidade independente da existência e do espírito do sujeito – são as duas emergências

últimas e inseparavelmente ligadas (Morin, 2025, p. 65).

A radicalização do problema do conhecimento conduz à necessidade de ultrapassar os limites da reflexão, uma vez que “o conhecimento necessita de uma origem além da consciência” (Vidor, 2014, p. 30). Assim, o ponto de partida do conhecimento não pode ser reduzido nem ao dado empírico isolado nem à construção racional abstrata, mas exige uma reimpostação crítica que reintegre o sujeito à sua própria condição de possibilidade enquanto *conhecente*.

Propor uma “*reimpostação crítica*”, portanto, pressupõe um processo de reconfiguração *radical* dos fundamentos do conhecimento, no qual o sujeito pesquisador não apenas revisa conteúdos ou teorias, mas questiona e repropõe as origens, os critérios e a validade do próprio ato de conhecer. Logo, trata-se de uma operação mais profunda do que uma simples revisão crítica: implica retornar às bases do conhecimento (pressupostos ontológicos, gnosiológicos e metodológicos) para depurá-las de distorções, ideologias e limitações que comprometam o acesso à verdade e a realização integral do humano, funcionalidades que deveriam ser privilegiadas no fazer científico.

Acerca da radicalidade do conhecer pautada na superação da dicotomia sujeito-objeto, Edmund Husserl, fundador da Fenomenologia, já nos primórdios de seu contributo filosófico, mais precisamente em *Investigações Lógicas* (2014), tematiza que o fundamento do objeto não tem outra origem senão no modo pelo qual o sujeito a ele se dirige. Assim, é na raiz do aparecer mesmo das coisas ao sujeito que se evidencia o real, de modo que a reimpostação

crítica da ciência precisa passar do objeto, ao seu aparecer no sujeito, fundamento último de todo conhecer.

“No século XX e na crise cultural do Ocidente”, afirma Edgar Morin (2025, p. 57), “nascem interrogações cada vez mais radicais, que questionam a validade dos quadros de pensamento e se esforçam para repensá-los”, o que se reflete também na epistemologia, por meio do “exame crítico das teorias científicas do ponto de vista de seu valor, sua pertinência e sua coerência”. Contudo, enquanto uma crítica tradicional operaria no interior de um sistema já dado, de um paradigma já estabelecido, criticando conceitos ou correntes teóricas específicas, a *reimpostação crítica do conhecimento*, proposta por Antonio Meneghetti (2022), apresenta um escopo muito mais amplo, pois pressupõe uma refundação do próprio conhecimento humano, buscando sua reformulação estrutural, por meio do questionamento quanto aos fundamentos dos quais partimos, modo como conhecemos e filtros que utilizamos.

Logo, no contexto da Ciência Ontopsicológica, a reimpostação crítica do conhecimento, contemporaneamente à sua dimensão epistêmica em sentido amplo, assume um caráter ainda mais exigente, posto que responsabiliza pessoalmente o sujeito cognoscente, provocando-o à constante verificação: o conhecimento produzido é/está em conformidade com seu princípio de identidade (Em Si ôntico) ou está distorcido por condicionamentos inconscientes, estereótipos sociais ou meméticas culturais?

O filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (2011, p. 58), no texto *Para um filosofia do ato responsável*, ao abordar a singularidade e a unicidade de cada ser, afirma que “Não temos álibi

para a existência”. Antonio Meneghetti (2013b, p. 110), em sua obra *Genoma ôntico*, sustenta que “ao problema do conhecimento é apriorístico o fato do ser”. Assim, o conhecer não pode ser dissociado da responsabilidade ontológica do sujeito, uma vez que é o próprio ser – irrepetível e indelegável – que funda e condiciona toda possibilidade de apreensão do real.

3 A ontologia antropológica como pressuposto

a antropologia deveria levar em conta a profundidade psicológica do ser humano, [...] suas capacidades de amor e de compreensão ética, todas essas qualidades fortalecendo-se e nutrido-se mutuamente (Morin, 2025, p. 15).

Pensar questões epistemológicas a partir da Ontopsicologia, como vimos, não se limita a um diálogo entre diferentes teorias ou paradigmas, a uma tarefa inter/trans/metadisciplinar ou ao questionamento crítico de determinados construtos ou formulações. A instauração de novas epistemes, numa perspectiva ontopsicológica, parte da compreensão de que o problema do conhecimento está assentado em uma questão anterior e mais radical: o *ser* do sujeito que conhece. Toda possibilidade cognoscitiva depende de uma condição ontológica prévia, na qual o sujeito não apenas *conhece*, mas *existe* como fundamento desse conhecer.

Para compreendermos “como nasce e se desenvolve uma ciência a fim de que produza conhecimento e gere evolução ao contexto social, é fundamental o entendimento do paradigma que a sustenta” (Schaefer, 2021, p. 159). A Ontopsicologia insere-se no campo das ciências humanistas, na medida em que assume o sujeito humano não apenas como objeto de investigação, mas como fundamento ontológico, critério

epistemológico e finalidade prática, articulando ciência e experiência humana em unidade conceitual e operativa. Tendo por base uma “consciência positiva do homem como valor, enquanto portador de *humanitas*”, a Ciência Ontopsicológica o compreende como “portador de valores que vão para além da contingência histórica, do relativismo ético, do próprio limite constituído pelas debilidades de qualquer homem” (Carotenuto, 2023, p. 110).

Portanto, ao nos utilizarmos da Ontopsicologia como conhecimento epistêmico de base para todas as ciências, é preciso reconhecê-la como uma ciência fundada por um cientista que amou profundamente o humano, em todas as suas características e manifestações, buscando fazê-lo retornar à sua natural constituição: integral, saudável e realizada. Afirmar Antonio Meneghetti (2024b, p. 55, grifos do autor): “segundo a minha lógica concreta e científica, se se deve construir uma psicologia *em função do humano*, devemos individuar uma metódica que *favoreça e garanta* o ser humano. Toda a metodologia ontopsicológica é *antropocêntrica*”. Em sua teorização e prática, este autor buscou construir uma “psicologia resolutória” (Meneghetti, 2024b, p. 129). Logo, por meio dela, seremos capazes de chegar também a uma *ciência resolutória* do humano, pois “A ciência deve contribuir para que sejamos melhores” (Serrano, 2011, p. 17).

De acordo com Silva, Wazlawick e Schaefer (2020, p. 176):

[...] a ontologia antropológica pressuposta pela Ontopsicologia não se limita a uma ontologia do sentido, mas configura-se como uma ontologia do eidético ou ecceico em dado concreto e existencial, isto é, do ser individual, histórico, pensante, consciente e corporal.

Nessa perspectiva, o sujeito é compreendido em sua totalidade existencial. Logo, uma *ontologia antropológica* não se refere a uma abstração universal desvinculada da experiência, mas à investigação do ser tal como se dá em sua evidência concreta, isto é, naquilo que constitui a identidade real do indivíduo; pois “o cientista, como lembra Husserl, é também ele, antes de tudo, um vivente no mundo-da-vida” (Silva; Wazlawick; Schaefer, 2020, p. 172).

Antonio Meneghetti (2015a, p. 17) afirma que “transcendência e autopresença constituem a unitária subjetividade do homem”, indicando duas dimensões que operam como condições de possibilidade para que o mundo, os objetos e os sentidos possam aparecer como válidos para um sujeito. A autopresença refere-se à capacidade do sujeito de estar em si mesmo, de coincidir com a própria identidade, tendo um núcleo que autoriza evidências a partir das quais o real pode ser reconhecido/colhido sem distorções projetivas. Já a transcendência designa a abertura intencional do sujeito ao mundo, sua capacidade de ir além de si ao contatar um objeto e captar sua essência (Goto, 2008; Vidor, 2013).

A radicalidade da epistemologia ontopsicológica consiste em reconhecer que o processo cognoscitivo não é uma operação acessória ao sujeito, mas sim o próprio modo como ele se constitui no real, implicando uma inseparabilidade entre ser, consciência e mundo. Nessa perspectiva, “o sujeito humano impacta a si mesmo enquanto ente histórico encarnado na existência e enquanto consciência (transcendental) que lê para si o mundo. Portanto, o viver é o ato de estar no mundo fazendo contínua síntese dele, isto é, produzindo sentido” (Silva, 2021, p. 51). Tal afirmação exige compreender que toda apreensão

do real é um ato de autogênese, no qual o sujeito não apenas interpreta, mas se implica ontologicamente naquilo que conhece, instaurando uma síntese contínua entre interioridade e exterioridade. O mundo, assim, não se oferece como dado neutro, mas como correlação viva à medida do sujeito que o lê, de modo que a verdade não pode ser dissociada da autenticidade dessa leitura. Consequentemente, o problema do conhecimento desloca-se para o problema do ser: não se trata apenas de saber como conhecemos, mas de verificar quem é aquele que conhece e em que medida sua consciência coincide com a própria ordem do real.

Entretanto, a tradição científica moderna, especialmente sob influência positivista, operou uma cisão problemática ao excluir o sujeito de sua própria produção científica, com vista a uma pretensa neutralidade, de modo que “para a ciência que se reputa objetiva, [...] não se levam em conta as condições subjetivas de quem produz a ciência” (Silva; Wazlawick; Schaefer, 2020, p. 175). A exclusão do sujeito do conhecimento revela-se, portanto, um equívoco estrutural já denunciado por diversos pensadores. Trata-se de uma ciência que “elimina o próprio sujeito que interroga”, como observa Edgar Morin (2025, p. 58):

Ora, o cientista “clássico”, ao ocultar a autorreferência, suprimiu não somente uma dimensão essencial da realidade que observava, mas também ocultou a si mesmo; ao ocultar sua subjetividade investigativa, tornou impossível toda autoanálise – em outras palavras, toda autoconstatação da ciência e do cientista enquanto tais, toda autocrítica do discurso científico, todo estudo científico das condições da ciência na cultura e na sociedade.

Em contraposição a essa exclusão, “a Ontopsicologia investiga como o intelecto pode

colher a lógica do ser, dando o fundamento ontológico à nossa consciência” (Silva; Wazlawick; Schaefer, 2020, p. 177). É nesse contexto que emerge a necessidade de uma reconfiguração radical da posição do sujeito na ciência: “nasce então a reimpostação da autenticidade, a posição ôntica do homem como operador de si mesmo e operador social. [...] Disso deriva uma reimpostação de todas as ciências, ou seja, de toda racionalidade prática” (Meneghetti, 2022, p. 136). Tal reimpostação encontra seu critério no *conhecimento ôntico*, posto que “na autoevidência inseica, objeto e sujeito identificam-se, estabelecendo exata correspondência. Dessa coincidência, o proceder lógico é autorizado” (Meneghetti, 2022, p. 165). Tal diagnóstico reforça a necessidade de recolocar o sujeito como fundamento ontológico de todo o conhecimento e posiciona a Ontopsicologia como contribuição fundamental para a problematização e reposicionamento do homem em seu papel de pesquisador/produtor de conhecimento.

O núcleo de tal perspectiva epistemológica reside na descoberta do Em Si ôntico, de modo que Meneghetti (2022) compreende que o ser próprio do sujeito, seu Em Si ôntico, é não somente critério de identidade, mas também de conhecimento. Nesse sentido, o conhecer em Ontopsicologia está na dependência da ação biológica, que pressupõe a relativização dos dados fornecidos por uma lógica convencional, para a evidência dada pelo próprio em si diante do objeto, em unidade com o objeto.

O aprofundamento dessa relação revela que o conhecimento não depende apenas do contato com o objeto, uma vez que “o cientista, estando voltado à própria estrutura cognoscente, organísmica e total, é copartícipe das entidades,

isto é, quanto maior e mais verdadeiro o contato com o próprio íntimo, maior e mais verdadeiro o contato com o mundo e com os outros homens” (Silva, 2023, p. 18). Tal compreensão conduz a uma consequência decisiva: o fundamento do conhecimento não se esgota na dimensão racional ou metodológica, pois “o dado epistêmico é assegurado pelo dado ôntico” (Silva, 2023, p. 18). Desse modo, a possibilidade de conhecer o outro e, por extensão, o real, radica-se numa “correlação ôntica”: correspondência entre a identidade do sujeito e o que é apreendido.

4 Ciência e criatividade humana

Fazer ciência implica a inquietação de comunicá-la (Serrano, 2011, p. 124).

A ciência não é apenas um procedimento lógico, mas um ato criador enraizado na existência do sujeito, que produz conceitos, inaugura sentidos e se desenvolve de forma dinâmica, aberta e não linear, sendo constantemente tensionada por estruturas que podem tanto favorecer quanto bloquear sua potência criativa.

Entretanto, a criatividade não é autônoma em relação ao sujeito que conhece. Ao contrário, ela está profundamente enraizada em sua condição existencial, como discutimos ao longo deste estudo. Conforme destaca Meneghetti (2013b, p. 11), “qualquer problemática que motiva a pesquisa do ser humano – a qual depois se configura como percurso científico – nasce de uma interrogação existencial”. A origem da investigação científica reside, portanto, em uma inquietação interna, em uma lacuna de sentido que solicita resposta. Nesse horizonte, fazer ciência equivale, em última instância, a um movimento de autocompreensão: “posso fazer

ciência até onde existo” (Meneghetti, 2013b, p. 41). A ciência revela, simultaneamente, *o limite e a grandeza do pesquisador*, pois é mediada por sua capacidade de coincidir com a própria identidade de natureza: “Nesse sentido, *qualquer ciência é exposição da função antropológica*. [...] No fundo, não devo resolver o universo: devo resolver a mim *no universo*” (Meneghetti, 2013b, p. 41, grifo do autor).

Todavia, essa dimensão existencial encontra um obstáculo significativo: o fato de que “o homem não se conhece e não resolve a própria problemática existencial” (Schaefer, 2021, p. 165). Tal condição compromete a autenticidade do processo cognitivo, uma vez que o desconhecimento de si limita a capacidade de leitura do real. Desse modo, a criatividade científica depende, em larga medida, do grau de autocohecimento e capacidade de autorrealização do sujeito que investiga.

O conhecimento metafísico, entendido como fundamento das noções e princípios que sustentam a ciência, “nasce da ação criativa da inteligência humana” e está condicionado ao grau de identidade do sujeito consigo mesmo. Não é possível conhecer para além daquilo que se é; “conhecer a si mesmo na atividade psíquica especificamente humana é o meio para que o homem possa ver de que modo e dentro de qual limite ele tem condições de traduzir qualquer coisa” (Vidor, 2014, p. 50).

Além disso, a própria estrutura da pesquisa, em seu plano operativo, evidencia seu caráter criativo e não linear. Como observa Serrano (2011, p. 16), toda pesquisa é “autoconstrutiva”, reconstruindo-se continuamente à medida que avança. Esse movimento revela que o

conhecimento não é um produto fixo, mas um processo em permanente transformação, sensível a descobertas inesperadas e reconfigurações do percurso investigativo.

A criatividade científica manifesta-se nas múltiplas possibilidades de operacionalização e sistematização do conhecimento. Nessa direção, como exemplo, temos a elaboração de conceitos, que ocupam importante posição em toda atividade cognitiva.

Como afirma Ferreira (2013, p. 10), “produzir conceitos é, antes de tudo, uma atividade criadora que permite inventar novas formas de pensar, de sentir, de ver (conceber, perceber), de compreender o incompreensível”. A construção conceitual não é, portanto, um simples ato de classificação ou ordenamento da realidade, mas uma operação inventiva que amplia os modos de apreensão do real:

A necessidade de compreender, que nos parece óbvia hoje, se construiu com a história e a necessidade de dar sentido. Para produzir um conjunto de conhecimentos sobre um objeto, criamos conceitos – estas ferramentas mentais que, podemos dizer, nascem com a linguagem que cria mundos (Ferreira, 2013, p. 11).

Conceitos estruturam a aprendizagem, orientam as crenças, possibilitam inferências e fundamentam o raciocínio, sendo também a base para a organização de sistemas mais complexos, como as teorias (Hardy-Vallée, 2013). Assim, a ciência se ancora, dentre outras operações, na capacidade humana de conceituar, isto é, de operar criativamente sobre a experiência para transformá-la em conhecimento articulado e comunicável.

[...] a *aprendizagem* é uma aquisição de conhecimentos; a *crença* é uma atitude cogni-

tiva acerca de uma proposição (em que dois conceitos são articulados) na qual o sujeito adere ao conteúdo da proposição; a *inferência* é uma aplicação de conceitos (a objetos, a percepções); enquanto o *raciocínio* é um correlacionamento de inferências. Os conceitos intervêm igualmente no conhecimento: quando uma crença é verdadeira e justificada, podemos considerá-la um *conhecimento*. Os conceitos e os conhecimentos são organizados habitualmente em taxonomias mais complexas: *teorias* (Hardy-Vallée, 2013, p. 17-18, grifos do autor).

Apesar dessa potencialidade, a criatividade científica frequentemente encontra bloqueios no interior das práticas acadêmicas e dos sistemas de conhecimento. Vidor (2014, p. 22) aponta que “em nível acadêmico, há um incentivo à crítica em detrimento da criatividade”, o que pode levar à valorização excessiva da repetição e da validação em prejuízo da inovação. Do mesmo modo, metodologias rígidas e estáticas tendem a “engessar a vida que é mutável em contínua novidade” (Vidor, 2014, p. 22), impedindo a apreensão da dinamicidade do real.

Esses “resíduos ideais dissociados do agente originário em mutação *programam* as ideologias, as convicções absolutas, os códigos morais *rígidos*”, impedindo “a flexibilidade da consciência e sua criatividade evolutiva” (Vidor, 2014, p. 11, grifos nossos). Em consequência, a ciência corre o risco de se tornar autorreferente e estéril, reduzindo-se a um “academicismo finalizado ao academicismo” (Meneghetti, 2023, p. 19), isto é, a um sistema fechado que reproduz a si mesmo sem abertura ao novo.

Mesmo operações aparentemente técnicas, como classificar ou generalizar, participam desse movimento criativo. Classificar é “uma abstração necessária” que orienta o sujeito no campo do conhecimento (Serrano, 2011), enquanto

a elaboração de conhecimentos gerais permite transcender a particularidade das percepções e conferir-lhes sentido (Hardy-Vallée, 2013). Assim, a ciência, longe de ser um sistema fechado de verdades estabelecidas, constitui-se como um campo aberto de criação, no qual o sujeito, ao escolher seu objeto de estudo e ao conhecer, transforma simultaneamente o mundo e a si mesmo.

5 A epistemicidade da Ontopsicologia

Antes dos livros, das bíblias, das instituições, existe o livro vivente que é o homem, e não podemos restringir com as ideias o fermento que é o humano enquanto fenômeno do ato da vida (Meneghetti, 2022, p. 120).

A compreensão da Ontopsicologia como fundamento epistêmico das ciências implica reconhecê-la como um saber que não apenas dialoga com os diversos campos do conhecimento, mas que os reordena a partir de um critério originário de verdade. Nesse sentido, “A Ontopsicologia é exatamente essa episteme interdisciplinar. Saber refletir o real organísmico centrado, saber lê-lo, colher-se as estruturas sintáticas e elaborar discursos de sentido” (Meneghetti, 2013b, p. 95). Tal proposição exige que o próprio sujeito do conhecimento se constitua como instrumento válido de investigação, uma vez que

[...] qualquer mente pode ser uma enorme função de ciência somente se antes fez um enveramento de si mesma a partir das próprias epistemes ônticas, para poder dialogar episteme ao sucessivo relativo de qualquer impostação do real (Meneghetti, 2013b, p. 95, grifo do autor).

Entretanto, a emergência de uma ciência com tal pretensão não ocorre sem resistência. “Não é simples predispor a introdução a uma

ciência nova, sobretudo por causa das extratificações culturais acumuladas através de séculos de história deste tipo de civilização, que preorientam a experiência e o conhecimento do novo dentro das barreiras do já conhecido” (Meneghetti, 2014, p. 21). Ao identificar esse obstáculo, a Ontopsicologia avança ao nível causal, encontrando “onde e como se originou a perda de sentido que – desde o início do próprio surgimento desta dimensão terrestre – o homem experimenta como falência de existir” (Meneghetti, 2014, p. 23). Nesse horizonte, a prática científica deixa de ser uma aplicação de métodos para tornar-se percurso existencial.

Dos ganhos que a Ontopsicologia traz a quem se propõe a *aventura de pesquisar* também está uma postura de constante abertura ao aqui e agora, a todas as diferentes realidades e eventos que nos tocam, perpassam, constituem. Só questionando a si mesmo e à fixidez dos conhecimentos já estabelecidos, o pesquisador poderá ser mediânico de novas compreensões e soluções que não estavam talvez sequer previstas no início do seu proceder científico:

[...] a aventura de pesquisar não está imune a descobertas inesperadas e imprevisíveis, que dão lugar a uma verdadeira catarse, dado que desencadeiam novos caminhos de pesquisa, lançam luzes sobre âmbitos de conhecimento em princípio não ambicionados por serem ignorados ou porque não figuraram entre os objetos iniciais da pesquisa. Essas aparições surpreendentes podem significar autênticas rupturas no decorrer da pesquisa, a ponto de provocarem o abandono da trajetória descrita até o momento por outros canais muito mais interessantes, pertinentes e fecundos (Serrano, 2011, p. 20).

A descoberta do Em Si ôntico, compreendido enquanto “normotopia do critério humano” (Meneghetti, 2022, p. 16), propõe uma mudan-

ça paradigmática incontornável, ao reposicionar o pesquisador não somente como agente, mas como criteriante desta ciência: “o grau veritativo do conhecer no homem é assegurado por um critério interno específico: o Em Si ôntico” (Silva, 2023, p. 18). A Ontopsicologia, portanto, não se limita a uma prática terapêutica ou teoria filosófica, mas se configura como *projeto epistemológico antropológico e humanista*, cujo objetivo “é indicar como o homem é de fato; como deveria ser; como se pode fazer para torná-lo autêntico” (Meneghetti, 2014, p. 37).

Por isso, “a Ontopsicologia pode dizer-se epistêmica às outras ciências, enquanto evidencia que *ninguém pode fazer ciência exata se antes não demonstra uma vida individual mediamente realizada*” (Meneghetti, 2013b, p. 100, grifo nosso). Em termos mais amplos, ela “lança os pressupostos de uma nova epistemologia, que tem por horizonte último a revisão crítica da consciência para que esta faça verdade junto do ser” (Silva; Wazlawick; Schaefer, 2020, p. 171).

Por fim, diante da função ética e social do conhecimento, o qual: deve servir “à ampliação da qualidade de vida, ao progresso econômico e social, ao aumento da dignidade e do valor humano no contexto em que é desenvolvido e aplicado” (Silva; Wazlawick; Schaefer, 2020, p. 171), compreende-se a epistemicidade da Ontopsicologia como um princípio de reproposição dos fundamentos da ciência e do conhecimento, não só por sua problematização acerca do papel do pesquisador, enquanto critério de exatidão e rigor, mas também pela refundação do próprio entendimento acerca do homem, como sujeito capaz de sanidade, realização e criatividade.

Referências

- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. 4. ed. São Paulo: Pedro & João Editores, 2017.
- CAROTENUTO, M. **A paideia ôntica: dos sumérios a Meneghetti**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2023.
- FERREIRA, A. M. A. Prefácio. In: HARDY-VALLÉE, Benoit. **O que é um conceito?** São Paulo: Parábola, 2013. p. 7-12.
- GOTO, Tommy Akira. **Introdução à Psicologia Fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl**. São Paulo: Paulus, 2008.
- HARDY-VALLÉE, Benoit. **O que é um conceito?** São Paulo: Parábola, 2013.
- HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à Filosofia Fenomenológica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- HUSSERL, E. **Investigações Lógicas: prolegômenos à lógica pura**. Tradução de Diogo Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- MENEGHETTI, A. **A psicologia do líder**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013a.
- MENEGHETTI, A. **Da evolução da inteligência ao poder para ser**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2023.
- MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021.
- MENEGHETTI, A. **Filosofia ontopsiológica**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015a.
- MENEGHETTI, A. **Genoma ôntico**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013b.
- MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022.
- MENEGHETTI, A. **Nova fronda virescit: introdução à Ontopsicologia para jovens**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.
- MENEGHETTI, A. **O Em Si do homem**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2024a.
- MENEGHETTI, A. **Projeto homem**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2024b.
- MENEGHETTI, A. **Racionalidade ontológica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015b.
- MENEGHETTI, A. **Residência ontopsiológico**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2005.
- MORIN, E. **O método do método**. Porto Alegre: EdPUCRS, 2025.
- SCHAEFER, R. Em direção a novos paradigmas da ciência: contribuições da ciência ontopsiológica. **Revista Brasileira de Ontopsicologia**, Recanto Maestro, v. 1, n. 1, p. 157-172, 2021. Disponível em: <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/24/25>. Acesso em: 21 mar. 2026.
- SERRANO, F. P. **Pesquisar no labirinto: a tese, um desafio possível**. São Paulo: Parábola, 2011.
- SILVA, B. F. **Personalidade-esquema e personalidade-autêntica: considerações sobre**

o dever personológico em Ontopsicologia. **Revista Brasileira de Ontopsicologia**, Recanto Maestro, v. 4, n. 6, p. 15-25, 2024. Disponível em: <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/114/99>. Acesso em: 4 abr. 2026.

SILVA, B. F. Uma visão unitária do real: o *contato* em Ontopsicologia. **Revista Brasileira de Ontopsicologia**, Recanto Maestro, v. 3, n. 4, p. 15-21, 2023. Disponível em: <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/75/68>. Acesso em: 4 abr. 2026.

SILVA, B. F. Viver a verdade na identidade: elementos de Ontopsicologia aos jovens. **Revista Brasileira de Ontopsicologia**, Recanto Maestro, v. 1, n. 1, p. 50-57, 2021. Disponível em: <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/18/10>. Acesso em: 4 abr. 2026.

SILVA, B. F.; WAZLAWICK, P.; SCHAEFER, R. A refundação crítica da ciência e a Ontopsicologia. **Revista NUFEN**, Belém, v. 12, n. 2, p. 170-186, 2020. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v12n2/a11.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2026.

VIDOR, A. **Fenomenologia e Ontopsicologia**: de Husserl a Meneghetti. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

VIDOR, A. **O fundamento da ciência**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2018.

VIDOR, A. **Opinião e ciência**: tecnologia x vida. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.